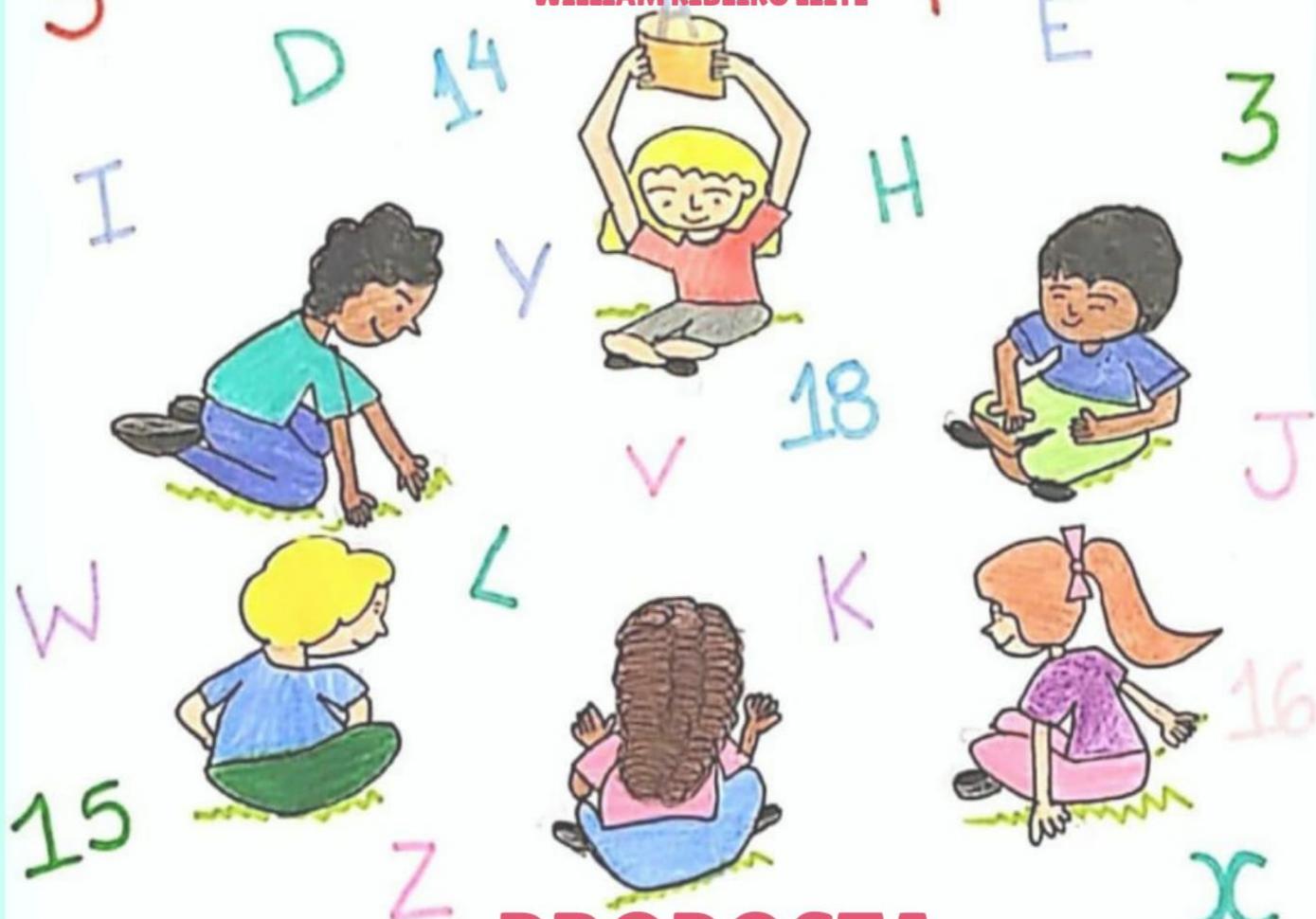


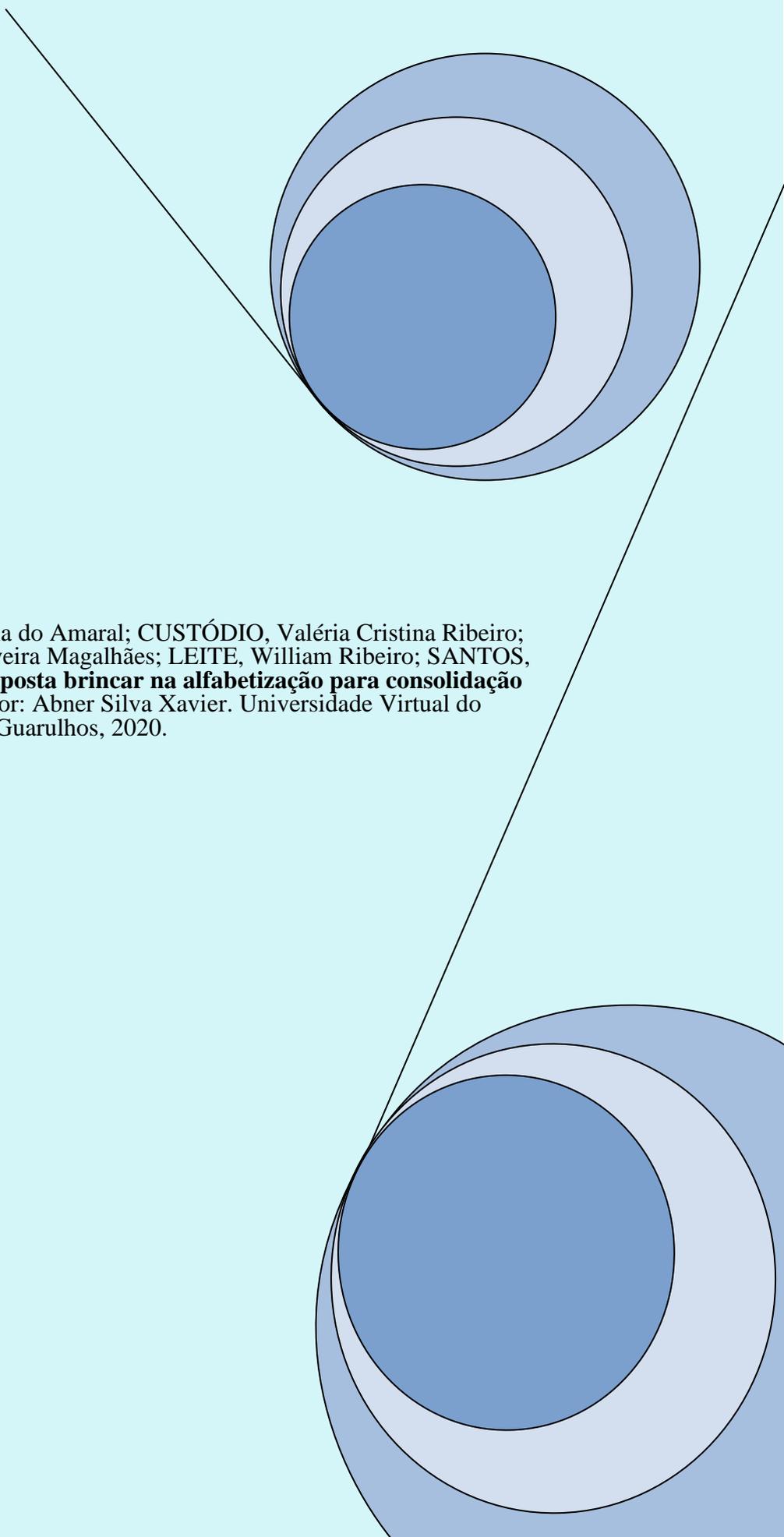
ABNER SILVA XAVIER
ANDRÉA CRISTINA DO AMARAL ANDRADE
JULIANA DE OLIVEIRA MAGALHÃES FERREIRA
ROGÉRIO RODRIGUES DOS SANTOS
VALÉRIA CRISTINA RIBEIRO CUSTÓDIO
WILLIAM RIBEIRO LEITE



PROPOSTA BRINCAR

**na alfabetização para
consolidação do**

CONHECIMENTO



ANDRADE, Andréa Cristina do Amaral; CUSTÓDIO, Valéria Cristina Ribeiro; FERREIRA, Juliana de Oliveira Magalhães; LEITE, William Ribeiro; SANTOS, Rogério Rodrigues dos. **Proposta brincar na alfabetização para consolidação do conhecimento.** Orientador: Abner Silva Xavier. Universidade Virtual do Estado de São Paulo, Polo: Guarulhos, 2020.

Orientador:



Abner Silva Xavier

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3022-6997>

Autores:



Andréa Cristina do Amaral Andrade

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2944-6252>



Juliana de Oliveira Magalhães Ferreira

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0141-7911>



Rogério Rodrigues dos Santos

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7194-6747>



Valéria Cristina Ribeiro Custódio

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6190-3834>



Willian Ribeiro Leite

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6323-6940>



APRESENTAÇÃO

A alfabetização é em si mesma um processo desafiador, pois demanda um esforço conjunto do educador e do educando, além de boas condições estruturais, pedagógicas e de tempo para que este processo se desenvolva. Pensando nisso essa proposta de atividade possui como principal objetivo auxiliar os educandos dos três primeiros anos do ensino fundamental de nove anos na compreensão do sistema formal de escrita e de conceitos matemáticos, através de uma brincadeira lúdica e prazerosa, onde o universo musical tradicional brasileiro poderá ser reaproximado dessas crianças ao fazer uso de cantigas populares integrais ou adaptadas.

Essa proposta inicialmente foi parte de uma atividade elaborada como requisito da disciplina do Projeto Integrador três do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (Univesp), onde foi solicitada a criação ou adaptação de um recurso pedagógico (brinquedo ou brincadeira) para atuar na alfabetização dos educandos do Ensino Fundamental de nove anos. Ela foi elaborada para minimizar uma necessidade específica detectada, junto a docente da Rede Municipal de Educação de Guarulhos/SP, por nós via questionário.

Por ser altamente adaptável e utilizar poucos recursos materiais (inclusive sendo possível o uso de materiais recicláveis), o uso dessa proposta se enquadra bem em uma sequência didática, no início ou término da rotina diária/semanal, etc. Além disso, ao abraçar as cantigas populares nacionais, essa proposta também favorece a memorização, a ampliação do repertório oral, o resgate do folclore brasileiro e proporciona momentos de fortalecimento do vínculo familiar onde as gerações mais experientes transmitem sua memória cultural aos mais jovens.

Este tipo de resgate cultural é de suma importância por já permear o imaginário popular com sua riqueza de cantigas, parlendas, trava línguas, brincadeiras, histórias folclóricas, etc. Esse resgate é pouquíssimo utilizado em espaços formais de educação, quando muito, o é em datas comemorativas ou na educação infantil. Diante dessa riqueza e da sua atratividade para as crianças (em especial as urbanas) o uso desses elementos folclóricos como recurso pedagógico em todos os níveis de ensino poderia ser mais valorizado.

Como essa proposta foi efetivada no ano de 2020 e as unidades escolares estavam fechadas por conta da pandemia mundial de *Corona Vírus Disease* (COVID 19), a brincadeira foi aplicada apenas em espaço de educação não formal, com crianças de seis a oito anos de idade. Sendo assim, esperamos que essa atividade possa auxiliar nesse desafiador processo chamado Alfabetização.



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 METODOLOGIA.....	5
2.1 Problema e Objetivo.....	6
2.2 Justificativa.....	6
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
3.1 Brincar na Alfabetização.....	8
3.2 Alfabetização e Letramento.....	9
3.3 Fases da Escrita.....	11
3.4 Alfabetização Matemática.....	12
4 PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	14
4.1 Protótipo.....	15
5 CONSIDERAÇÕES.....	19
REFERÊNCIAS.....	20
CRÉDITOS.....	23



1 INTRODUÇÃO

A relação da criança com o brincar se estabelece desde seu nascimento e está presente em toda a primeira infância, principalmente na Educação Infantil, mas muito disso acaba por se perder quando elas adentram no Ensino Fundamental de nove anos, pois inúmeras outras exigências para sua formação acabam por ofuscar esse elemento da ludicidade. Contudo, parte deste ofuscamento pode ser clareado quando o educador dispõe de elementos que o auxiliam a desenvolver a alfabetização mais lúdica e divertida, a exemplo desta proposta onde se permite que todos os alunos participem, sem a perda das exigências a serem desenvolvidas.

Desta maneira, a proposta da brincadeira tem como objetivo auxiliar o educando dos três primeiros anos iniciais do Ensino Fundamental de nove anos a avançar da fase pré-silábica para a silábica. Para tanto, e em momentos específicos, o educando precisará reconhecer as letras e associá-las a seus respectivos fonemas; identificar em seu próprio vocabulário palavras que se iniciem com estas letras identificadas e agregar a este vocabulário já existente novas palavras que se iniciem com as letras por ele já identificadas; e também, associar os números a quantidades e símbolos.

Para alcançar estes objetivos e para melhor entender e discutir a Alfabetização e o Letramento, esse trabalho foi baseado em referências como a Prof.^a Dra. Silvia Colello, que desenvolve pesquisas na área de ensino e língua escrita, letramento e produção textual, em ideias sobre o desenvolvimento do aprendizado, da leitura e da escrita com Emília Ferreiro, bem como, na área do brincar a inspiração veio da autora e pesquisadora Kishimoto.

Diante da necessidade de ferramentas para auxiliar os educadores em seu trabalho de Alfabetização, haja vista as inúmeras atribuições e o pouco tempo para efetivá-las, verifica-se que essa proposta de brincadeira possibilita maximizar os resultados esperados por eles, ao mesmo tempo em que atrai os educandos para este fantástico mundo da Palavra Escrita.



2 METODOLOGIA

Devido a pandemia mundial de Corona *Virus Disease* (COVID 19) presente no Brasil no primeiro semestre de 2020, onde o sistema educacional, bem como outras instituições públicas e privadas do Estado de São Paulo, tiveram suas atividades suspensas por ordem dos órgãos competentes, a pesquisa concentrou-se na busca de informações virtuais sobre a unidade educacional escolhida e uma pesquisa diretamente encaminhada a uma docente desta mesma unidade.

Para a fonte de informações virtuais foram utilizados os dados apresentados pela Secretaria de Educação do Município de Guarulhos referentes a Escola da Prefeitura de Guarulhos (EPG) Mauro Roldão Neto, que ajudou na elaboração de um questionário encaminhado a uma docente do Primeiro Ano do Ensino Fundamental, bem como os seguintes repositórios acadêmicos: *Scientific Electronic Library* (Scielo), Google Acadêmico, Repositório da Universidade de São Paulo (USP), Repositório da Universidade do Estado de São Paulo (Unesp) e Repositório da Universidade de Campinas (Unicamp). A educadora e sua chefia imediata, por escrito e por mensagens de texto, autorizaram a divulgação dos dados obtidos mediante este questionário.

Na realização desta revisão de literatura para levantar o que havia sido estudado a respeito do assunto aqui abordado, foram adotados os seguintes critérios de pesquisa/exclusão, “brincar na alfabetização” e “alfabetização e letramento”. Após esse levantamento, foi realizado uma investigação por meio de questionário enviado a docente para entender de que maneira é praticado o brincar no ensino do Primeiro ano para contribuir para o aprendizado.

Esse questionário foi produzido na plataforma Google Formulário e compunha-se de 13 perguntas, que abrangeu dados pessoais, profissionais e sua percepção sobre a prática pedagógica que exerce nesta unidade de ensino, cujo objetivo era a proposição do uso de uma brincadeira para auxiliar na alfabetização dessa turma.

Foi realizada uma aplicação dessa proposta pedagógica em espaço de educação não formal, com crianças da faixa etária dos três primeiros anos do ensino fundamental e também contou com apreciação por parte da professora questionada sobre a proposta da brincadeira em si, o que nos fez considerar acerca da eficácia dela.

Esta proposta é qualitativa e objetiva compreender a prática do brincar e os seus resultados positivos com aplicações na rotina escolar.

2.1 Problema e Objetivo



Após análise dos dados pesquisados e deliberação, foi identificado o seguinte problema: Como as brincadeiras são efetivas para consolidar a alfabetização e conceito de números a criança de Primeiro Ano?

Para responder a este problema, a proposta tem como intenção auxiliar o educando a avançar do nível pré-silábico para o silábico bem como compreender a correspondência entre números e seu valor simbólico para quantificar objetos com o uso de cantigas populares integras ou adaptadas. Para tanto, a proposta de brincadeira pretende agir na capacidade de reconhecimento das letras em associação a seus respectivos fonemas, a fim de que o educando identifique em seu próprio vocabulário palavras que se iniciem com a letra sorteada por ele. Além disso, o uso dessas cantigas aproximará os educandos a uma variedade de vocábulos novos, bem como a uma diversidade de formas linguísticas, expressões regionais, sotaques, que por meio das cantigas tornará o aprendizado mais divertido enquanto o educando elabora suas hipóteses através do brincar. Outro ponto de ação presente nessa proposta ocorrerá na correspondência simbólica entre números e a quantidade de indivíduos ou objetos que a criança encontrará para executar parte da brincadeira, para alfabetizar a criança em letras e números.

2.2 Justificativa

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) determina inúmeras habilidades de conhecimento aos estudantes do Primeiro Ano do Ensino Fundamental de nove anos, mas sugere que sejam utilizados, nesse processo, temas de interesse do estudante, já a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional (Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996) também diz que jogos e brincadeiras devem ser privilegiados nos espaços educativos. Contudo essas orientações devem ser consideradas à luz do número de alunos em sala de aula, que segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) no ano de 2019, para o Primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos era uma média de 34 alunos por sala de aula.

Na unidade escolar pesquisada o número total de alunos do Primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos para o ano de 2020 totalizam 106 educandos, pois segundo informações da prefeitura de Guarulhos, esta escola não possui estudantes nos outros níveis



do Ensino Fundamental de nove anos. Além disso de acordo com as informações fornecidas pela professora pesquisada, estes mesmos alunos estão distribuídos em três turmas de Primeiro ano.

Em concordância com estas orientações a proposta acrescentará ao processo de Alfabetização, não apenas outra forma de correspondência entre os grafemas (letras) e os fonemas (sons) presentes na modalidade escrita da língua portuguesa, mas também a correspondência de número e suas quantidades, uma vez que a proposta permite-se ser aplicada à natureza dos números. Ao recuperar o uso de Cantigas Populares, com toda sua riqueza, resgata-se a cultura e o folclore brasileiro, material este de grande valia para uma alfabetização de letras e números de forma lúdica.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A história do brincar na humanidade remonta a antiguidade clássica, onde Platão e Aristóteles já defendiam seu uso como forma de preparação para a vida adulta, porém, esta finalidade tornou-se mais pragmática durante o domínio romano, onde o brincar era utilizado na formação do soldado e na “domesticação” dos cidadãos. Mas, com advento do Cristianismo, estas ideias são postas de lado em prol da imposição dos dogmas religiosos, mas voltam a aparecer com o florescimento do Renascimento ao recuperar-se as ideias da antiguidade clássica, onde, já no século dezesseis são apresentados os primeiros jogos educativos, que tornam-se cada vez mais diversificados e massificados ao longo deste século e do próximo (KISHIMOTO, 1995).

Durante todo este período a distinção entre adultos e crianças era nebulosa, pois a partir do momento que estas começavam a ter independência já eram consideradas um miniadulto, onde suas atividades corriqueiras entre adultos e crianças não se diferenciavam entre si.

Nos primeiros anos da infância os meninos eram entregues aos homens, para serem educados, tendo em suas atividades cotidianas aprender a montar cavalos, caçar, montar táticas de guerra, entre outras. Já a instrução das meninas ficava a cargo das mães. Como resultado dessa forma de educação, não houve instituições responsáveis exclusivamente para a criança ou uma consideração diferenciada às suas necessidades. Como eram vistas como uma miniatura de adultos, as crianças realizavam as mesmas atividades das pessoas mais velhas, e uma vez consideradas capazes de sobreviver sem o suporte da mãe, já ingressavam na vida adulta e passavam a conviver com os adultos em todos os contextos. (PRESTES, 2016, p. 32 *apud* LIMA, 2013, p.24, 25).



Ainda segundo Kishimoto (1995), já no final do século 19, com a influência dos trabalhos de Rousseau, Pestalozzi e Froebel, surgem práticas pedagógicas ao fazer do brinquedo e do brincar uma ferramenta na educação das crianças, que, com o tempo, passa por uma expansão comercial com o desenvolvimento de materiais mais diversificados e com maior interesse na segurança do usuário. Atualmente o interesse em sua utilização tem se especializado no uso deles para atender as mais variadas formas de deficiência da criança.

3.1 Brincar na Alfabetização

O brincar é um processo natural na infância e tem sido estudado cientificamente com a intenção de descrever suas peculiaridades, de identificar sua relação com o desenvolvimento da criança e, entre outros objetivos, agregar valor aos processos de aprendizagem na educação das crianças.

É claro o vínculo entre a brincadeira e a aprendizagem. Spodek e Saracho (1998) certificam isto e destacam a importância que a introdução do brincar no currículo escolar traz ao desenvolvimento físico, cognitivo, criativo, social e na linguagem da criança. A isso, Huizinga (1980) complementa ao colocar o lúdico como um elemento da cultura presente em todo modelo de organização social, pois, para ele, o lúdico carrega em si a representação da realidade recriada figurativamente. Ou seja, ao brincar a criança converte valores, atitudes, comportamentos e conceitos em ações, de modo que consiga compreender o que acontece com ela e com o mundo a sua volta. Porém, para que isto ocorra de forma satisfatória, Bomtempo (1999) destaca que é fundamental que os professores estejam capacitados, e acima de tudo, conscientes de que atividades e experiências alternativas, como o brincar, promovem a aprendizagem na criança.

O verbo brincar remete aos substantivos brinquedo e brincadeira. O primeiro é entendido, segundo Kishimoto (2017), como um objeto que não apresenta regras para uso, mas que promove uma íntima relação entre ele e a criança. Já o segundo, seria o resultado do uso deste brinquedo dado especificamente pelo indivíduo que o usa. Por exemplo, umaboneca (brinquedo) permite à criança várias formas de brincadeiras como “mamãe e filhinha”, onde a criança representaria a realidade observada em seu dia a dia. Através da brincadeira, cria-se um ambiente propício para observar as vivências que as crianças adquirem através da manipulação de instrumentos que estão diante delas. Quanto mais interação com aquilo que conhecem pelo viés da memória, elas reciclam suas lembranças e

conhecimentos preexistentes, expandem e ressignificam através de suas criações e adaptações com as novas experiências. Ao brincar se estabelece o caminho de suas próprias vivências internas, pois através da reflexão se concretiza o fazer na realidade (RCNEI, 1998)

Porém, esta definição não pode ser considerada estanque, pois ela pode variar em função da diversidade de culturas no mundo. Por exemplo, a mesma boneca pode ser brinquedo em uma cultura como a brasileira, mas torna-se símbolo de divindade para adoração em certas tribos indígenas.

Por serem grandes estimuladores da representação e expressão de imagens que evocam aspectos da realidade, as brincadeiras podem e devem ser utilizadas durante a alfabetização, contudo, cabe ao educador entender e se posicionar quanto a intencionalidade no uso dessa brincadeira. Ou seja, ela será usada como (1) recreação; (2) para favorecer o ensino dos conteúdos escolares; (3) como diagnóstico da personalidade infantil e recurso para ajustar o ensino às necessidades infantis (KISHIMOTO, 2017). Esta última visão é corroborada por Silva (2011), ao dizer que o educador dos anos iniciais, em especial na alfabetização, deve conhecer bem os seus alunos. Entende-se que ao conhecer e saber o que as crianças gostam de brincar e como brincam pode ajudar na alfabetização e letramento. Esse conhecimento permitirá ao professor discernir quais métodos irão contribuir na aprendizagem do seu aluno.

3.2 Alfabetização e Letramento

A alfabetização é uma das fases que todo indivíduo perpassa durante seu desenvolvimento, onde ele sai do *status* de mero usuário da língua materna na modalidade oral para usufruir, também, da modalidade escrita. Durante o uso e o aperfeiçoamento dessas modalidades, ele se depara com inúmeras facetas do viver em sociedade que requerem dele uma fluência no uso de sua oralidade e escrita, especialmente da escrita. A esse uso fluente se denomina letramento. Contudo, estas ideias não podem ser separadas durante o desenvolvimento do indivíduo, elas devem caminhar juntas desde a tenra idade dele, o que se convencionou chamar de Alfabetizar Letrando:

[...] aprender a língua [...] é entendê-la como instrumento a serviço do homem, uma vez que as experiências linguísticas ampliam as possibilidades de comunicação e de expressão, permitem seu uso em diversos contextos e com diferentes funções, determinam modos de inserção e de atuação social e contribuem para a organização do

pensamento, favorecendo o desenvolvimento humano (COLELLO, 2007 *apud* FRIGO; COLELLO 2018, p. 65).

Segundo Ferreiro, (1987 *apud* FRIGO; COLELLO, 2018) paralelamente a concepção fundamentada na Psicologia Genética de Piaget, a alfabetização se dá na compreensão de como o sistema de escrita funciona, ao contrário da percepção anterior que a entendia como o desenvolvimento instrumental para codificação e decodificação da língua escrita. Em sua proposta, a alfabetização ocorre em um processo que envolve elementos internos e externos, ou seja, a criança não começa em uma estaca zero de conhecimentos, pois, ao viver em uma sociedade letrada ela já tem ou teve contato (em algum grau) com o sistema de escrita, e é justamente este contato que lhe proporcionará elementos para, durante sua caminhada para aquisição da escrita, hipotetizar, testar, e reelaborar novas ideias acerca de como funciona o sistema de escrita. Durante esse processo, inúmeros “erros” aparecerão, e, são exatamente estes “erros” que dão ao educador um suleir acerca de que nível a criança se encontra, níveis estes identificados pela autora como pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Para Colello (2019) com esse novo olhar sobre a alfabetização entende-se que esta deve ser conduzida ao levar em conta as naturezas aberta e fechada da língua, aberta por que ela é dinâmica, viva e, como tal está em constante mutação para adequar-se às mais variadas situações de vida do usuário, e fechada, porque mesmo essa dinamicidade necessita de ordem para que seu propósito seja efetivado, ou seja, toda língua tem uma estrutura e esta não pode ser negada ou suprimida. Contudo, a professora segue e faz um alerta:

A despeito das boas intenções dos educadores, o ensino da língua escrita pode ser prejudicado por inúmeros fatores: sentimento de rejeição na escola; práticas de imposição linguística; autoritarismo implícito no processo de aculturação; distanciamento entre as lições e os usos sociais que dão sentido à língua, concepções reducionistas sobre o objeto de conhecimento ou sobre os processos de aprendizagem, propostas didáticas mecânicas ou descontextualizadas, que priorizam a dimensão instrumental sobre a natureza comunicativa da língua escrita (COLLELO, 2012 *apud* COLLELO, 2018).

Isto posto, entende-se que a educação não se restringe ao ensino-aprendizagem de um conjunto de conteúdos escolares, sua ação é muito mais ampla ao envolver o ensino e a aprendizagem para a vida. É, antes de tudo, um processo civilizatório (ALVES, 2009).

3.3 Fases da Escrita

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), um indivíduo pode ser considerado alfabetizado quando é capaz de: assinar o próprio nome, ler e escrever frases simples que descrevam uma tarefa, ler e escrever pelo seu próprio pensamento, realizar um teste escrito e compreender a leitura de acordo com o nível de estudo compatível com o terceiro ano do Ensino Fundamental de nove anos e se engajar em qualquer atividade em seu meio social em que seja necessário o uso da escrita e da leitura. (IBGE, 2002 *apud* SILVA, 2011).

Neste ponto da alfabetização, então, se elucidará o que acontece durante o processo de desenvolvimento das habilidades de linguagem que o aluno vivencia antes mesmo de dominar a leitura e a escrita, fator este que proporciona tal aquisição, o aluno passa por fases da escrita enquanto progride nesse aprendizado. Essas fases foram estudadas por Emília Ferreira e Ana Teberosky em *Psicogênese da Língua Escrita*. Com base nesses estudos a criança passa por algumas fases para a aquisição e domínio da leitura e escrita, são elas:

1ª fase – Dividida em três partes: (1) Pictórica, que são os desenhos de garatujas, ou seja, rabiscos sem figuração ou relação com símbolos; (2) Grafismo primitivo, a criança tenta representar letras, números e pseudoletas como símbolo do que ela reconhece no seu entorno, mas ainda não sabe muito bem diferenciar os símbolos da escrita; (3) Pré-Silábica, onde a criança já percebe que as letras são usadas para simbolizar algo (serve para escrever) e começa a distinguir as letras e os números, mas ainda não entende como a escrita funciona.

2ª fase – Silábica: Nessa fase o conhecimento da criança avança, ela percebe que as palavras têm sons e que esses sons são representados na escrita. Passa então, a tentar representar as sílabas com as letras que conhece.

3ª fase – Silábica Alfabética: A criança se aprimora e acrescenta letras às palavras, e busca relacioná-las com os sons que as palavras emitem ao se aproximar da palavra escrita como ela é.

4ª fase – Alfabética: Quando a criança reconhece a organização da escrita e consegue ler e escrever o que pensa, mesmo que seja foneticamente (relaciona as letras aos sons), mas ainda sem domínio gramatical.

Em síntese, no nível pré-silábico a criança representa a palavra como um todo, usa símbolos aleatoriamente. No nível seguinte, o silábico, ela percebe que as palavras possuem

sílabas e usam apenas um símbolo para cada uma. No nível silábico alfabético a criança inclui algumas letras a sua tentativa de escrever. No próximo, o Alfabético, a criança já com suas hipóteses resolvidas, está pronta para compreender a complexidade da organização da leitura e escrita. Porém, durante seu desenvolvimento, a criança não avança com facilidade através dessas etapas, o tempo de transição de um nível para o outro varia entre os indivíduos. Para isso é preciso que o professor possa trabalhar a reflexão da criança sobre a escrita.

Segundo Kleiman (2008 *apud* OLIVEIRA; SILVA, 2014) a criança enfrenta três dificuldades principais durante seu desenvolvimento e alfabetização. Primeiro, a visão que o adulto têm da língua escrita é diferente do que a criança entende; segundo, a confusão de ter que desenhar letras ou escrevê-las para simbolizar algo; terceiro, a redução do conhecimento do indivíduo ao conhecimento de letras e seu valor sonoro.

Percebe-se, então, que o aluno constrói paulatinamente o conhecimento das convenções ortográficas e gramaticais. Enquanto isso o professor pode e deve proporcionar aos alunos práticas escolares (atividades, exercícios, brincadeiras) que o ajudem a refletir o que se aprende para que assim possa também sentir prazer durante o processo de aprendizagem.

3.4 Alfabetização Matemática

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases – LDB (1996), a alfabetização matemática consiste em conhecer e ler os números, identificar as unidades de medida e as operações básicas (BRASIL,1996).

Apesar disso, de acordo com Miguel (2009), a matemática ainda é pouco apresentada e trabalhada no processo de alfabetização, o que acontece segundo Fiorentini e Lorenzato (2006) pela carência dessa habilidade nos educadores em sua própria formação.

Se a criança não conseguir desenvolver algum conhecimento matemático em seus anos iniciais de alfabetização, ainda que os mais básicos, certamente encontrará dificuldades ao se deparar com os conteúdos mais complexos que vem adiante.

Devido a essa importância, os professores de ensino inicial devem ser habilitados em sua formação para o trabalho de alfabetização matemática assim como são para a alfabetização da língua materna, como reafirmam Fiorentini e Lorenzato (2006). Miguel (2009) e Curi (2004) também acreditam que a falta de preparo e conhecimento dos



educadores faz com que eles se sintam inseguros em abordar o tema, o que leva a matemática a ficar em segundo plano, ou muitas vezes ser deixada de lado.

De acordo com Lorenzato (2008), as crianças já têm certa intimidade com os números, mesmo antes da alfabetização, porém o número ainda é algo abstrato. Número é a ideia de ter, ganhar, perder ou não ter nada, e na maioria das vezes não está ligada a escrita deles, mas sim no contexto de quantidade, posse, ou algo que elas não sabem expressar com significado. A criança relaciona tudo o que tem ao seu alcance com quantidade e, instintivamente e inconscientemente trabalha o conceito de número, que virá a ser trabalhado de forma mais complexa durante o processo de alfabetização matemática, um processo longo na trajetória escolar.

Segundo Danyluk (2002), inicialmente às crianças reconhecem os números ao contar e apontar para os objetos, sem se ater as quantidades, o número corresponde apenas ao objeto nesse processo de construção de ideia de número, até que consiga associar a ideia de número, quantidade e nomenclatura. Cada criança, em seu tempo vai desenvolver sua ideia de número, de forma a coordenar e relacionar objetos, liga e faz conjunto de elementos até que consiga identificá-los e enumerá-los. Segundo a autora, como cada criança tem a sua bagagem, cada uma terá modos diferentes de lidar com os números, e caberá ao educador orientar e despertar o interesse pela matemática, através de atividade e espaços atrativos para esse aprendizado.

O educador precisa conhecer o seu aluno, ouvir e entender o que a criança entende por matemática e buscar formas criativas para desenvolver essas habilidades. Números, assim como letras são símbolos, e para que a criança consiga fazer as associações, precisam ter significado. Lorenzato (2008) afirma que a representação matemática é muito complexa, e que a criança aprende por etapas. Primeiro vai aprender o conceito, depois a representação e só então vai descobrir a utilização. Primeiramente vai desenvolver a grafia, ainda sem significado, depois utilizará símbolos para representar uma unidade e depois, então, vai conseguir fazer a combinação símbolo-quantidade.

Para isso é necessário instigar e incentivar a criança, sem cobranças de resultados imediatos, ao trazer para o momento do aprendizado situações diversas, inclusive situações do cotidiano da criança. O professor deve ser um mediador, incentivador e acima de tudo um bom observador.



4 PROPOSTA PEDAGÓGICA

O ponto de partida para esta proposta foi a ideia de que as brincadeiras tradicionais com cantigas populares podem ser usadas pelos professores de Ensino Fundamental de nove anos em especial na alfabetização e também no reconhecimento dos números, para apoiar o ensino da leitura e escrita de forma a ajudar os alunos a avançarem dentro do estágio de desenvolvimento em que se encontram, visto que as músicas e brincadeiras fazem parte do desenvolvimento integral da criança.

Estas são inúmeras e podem ser facilmente adaptadas ao contexto de ensino e ao tema que o professor pretende trabalhar, um auxílio tanto para a criança (em fase de alfabetização) quanto para o professor, como nos afirma a professora entrevistada ao pontuar esta questão a respeito do protótipo. Em suas palavras, *[...]ela pode ser usada semanalmente com a turma, [...] ao encerrar ou no meio da sequência didática, pois ela é muito fácil de adaptar a qualquer conteúdo que esteja trabalhando e ainda tem a vantagem de vocês terem colocado diversas possibilidades de adaptação de uma única brincadeira.*

Ela também acredita que esta proposta pode sim apoiar o progresso do educando da fase pré-silábica para as seguintes, silábicas e silábicas com valor, em especial por se tratar de brincadeiras tradicionais que precisam ser resgatadas e podem tornar o ensino mais significativo.

A aplicação se deu em espaço de educação não formal e contou com a participação da Heloisa de onze anos, Camilly de oito anos e Nathan de cinco anos. Nesta aplicação teste, a integrante teve as seguintes percepções quanto a eficácia da atividade proposta. Para Heloisa, por cursar o sexto ano do ensino fundamental de nove anos, a atividade foi divertida, ajudou-a a trabalhar e enriquecer seu conhecimento das palavras; já para a Camilly, por se encontrar em fase de alfabetização, cursa o segundo ano do ensino fundamental de nove anos, a proposta foi bastante atrativa, pois apesar dela precisar raciocinar por mais tempo para identificar a palavra correspondente a letra sorteada, fez de forma divertida, lúdica; para o Nathan, estudante do ano final da educação infantil e pouco estimulado pela família e por estar afastado da escola devido a pandemia e em fase pré-silábica de alfabetização, o que lhe chamou mais a atenção foi a brincadeira em si, por estar junto com outras crianças. Após esta aplicação foi observado ainda no Nathan a vontade de aprender mais.

4.1 Protótipo

Brincadeira Proposta: Cantigas Populares adaptada

Objetivo: estimular a atenção, a concentração, o raciocínio, a percepção visual e auditiva, a associação fonemas/grafemas e a discriminação de letras/sílabas e números caso atividade seja usada para trabalhar a matemática.

Materiais Necessários: área ampla (quadra, pátio, parque etc.); um recipiente para acondicionar as letras móveis e números (industriais ou caseiras); cantigas de domínio público variadas; uma paródia da música escravos de Jó.

Paródia da canção Escravos de Jó:

Com o alfabeto nós vamos brincar,

Vamos agora as letras sortear,

O tema escolhido,

E a palavra falar.

(Repete-se o refrão 2x)



Descrição da Atividade:

Pode-se adequar a qualquer tema e/ou projeto trabalhado pelo educador, essa proposta poderá ser aplicada das seguintes formas: em apenas 2 etapas; em 3 etapas; ou 4 etapas. A escolha da quantidade de etapas dependerá da proposta de trabalho do educador.

I - Duas Etapas

A - Primeiro Momento:

O educador se encarregará de explicar à turma o teor da brincadeira, bem como o objetivo dela;

O educador se incumbirá de apresentar a paródia para a turma se familiarizar com a letra e melodia;

Em forma de roda, as crianças sentadas no chão e, conforme a paródia for entoada pelo educador com ajuda dos educandos, o recipiente será passado de mão em mão;



Quando a cantiga cessar, o educando que estiver com o recipiente na mão escolherá uma letra de dentro dele e dirá uma palavra que inicie com a letra sorteada, cuja qual, poderá ser registrada pelo educador;

Esta palavra pode ser espontânea ou se tratar de algum tema específico trabalhado pelo educador;

Se o educando encontrar muita dificuldade, como uma intervenção pedagógica o educador convida o grupo a colaborar com aquele educando, ao falar para ele algumas palavras que iniciam com a letra sorteada;

Durante a brincadeira, a cantiga será retomada quantas vezes forem necessárias para que todos os que desejarem participar;

Se essa brincadeira for realizada com um grupo que apresente muita dificuldade, pode-se solicitar que falem apenas o nome da letra sorteada.

B - Segundo Momento:

Ao retornar para a sala de aula, com o educador como escriba, retoma-se com os educandos as palavras citadas no momento da brincadeira ao estimulá-los tentar “adivinhar” como escrevê-las. Porém ao educador, cabe intervir quando necessário;

Esse momento poderá ser precedido de uma escrita espontânea por parte dos educandos, para que eles possam ter seu próprio registro como apoio e assim poder comparar com a escrita convencional registrada no quadro;

II - Três Etapas

A - Primeiro Momento

O educador se encarregará de explicar à turma o teor da brincadeira, bem como o objetivo dela;

O educador se incumbirá de apresentar a paródia para a turma se familiarizar com a letra e melodia;

Em forma de roda, as crianças sentadas no chão e, conforme a paródia for entoada pelo educador com ajuda dos educandos, o recipiente será passado de mão em mão;

Quando a cantiga cessar, o educando que estiver com o recipiente na mão escolherá uma letra de dentro dele e dirá uma palavra que inicie com a letra sorteada, cuja qual, poderá ser registrada pelo educador;



Esta palavra pode ser espontânea ou se tratar de algum tema específico trabalhado pelo educador;

Se o educando encontrar muita dificuldade, como uma intervenção pedagógica o educador convida o grupo a colaborar com aquele educando, ao falar para ele algumas palavras que iniciam com a letra sorteada;

Durante a brincadeira, a cantiga será retomada quantas vezes forem necessárias para que todos os que desejarem participar;

Se essa brincadeira for realizada com um grupo que apresente muita dificuldade, pode-se solicitar que falem apenas o nome da letra sorteada.

B - Segundo Momento

Solicitar que os educandos que sortearam as letras reproduzam suas respectivas formas com o próprio corpo ou pode contar com a ajuda de alguns colegas, por exemplo, ao educando que sortear a letra “M”, o educador poderá lhe ajudar ao perguntar: *“Você precisa de alguma ajuda para formar essa letra? Quantos colegas você precisa para formá-la?”*, etc.

Neste momento o professor poderá decidir, junto com a turma, se todos pretendem formar a letra ou se apenas alguns o farão.

C - Terceiro Momento

Ao retornar para a sala de aula, com o educador como escriba, retoma-se com os educandos as palavras citadas no momento da brincadeira ao estimulá-los tentar “adivinhar” como escrevê-las. Porém, ao educador, cabe intervir quando necessário;

Esse momento poderá ser precedido de uma escrita espontânea por parte dos educandos, para que eles possam ter seu próprio registro como apoio e assim poder comparar com a escrita convencional registrada no quadro;

III - Quatro Etapas

A - Primeiro Momento

O educador compartilha com o grupo uma cantiga de cunho popular que remeta ou não ao tema/projeto que ele tem trabalhado;



B - Segundo Momento

O educador se encarregará de explicar à turma o teor da brincadeira, bem como o objetivo dela;

O educador se incumbirá de apresentar a paródia para a turma se familiarizar com a letra e melodia;

Em forma de roda, as crianças sentadas no chão e, conforme a paródia for entoada pelo educador com ajuda dos educandos, o recipiente será passado de mão em mão;

Quando a cantiga cessar, o educando que estiver com o recipiente na mão escolherá uma letra de dentro dele e falará uma palavra que inicie com a letra sorteada, cuja qual, sugere-se ser registrada pelo educador;

Esta palavra pode ser espontânea ou se tratar de algum tema específico trabalhado pelo educador;

Se o educando encontrar muita dificuldade, como uma intervenção pedagógica o educador convida o grupo a colaborar com aquele educando, ao falar para ele algumas palavras que iniciam com a letra sorteada;

Durante a brincadeira, a cantiga será retomada quantas vezes forem necessárias para que todos os que desejarem participem;

Se essa brincadeira for realizada com um grupo que apresente muita dificuldade, pode-se solicitar que falem apenas o nome da letra sorteada.

C - Terceiro Momento

Solicitar que os educandos que sortearam as letras reproduzam suas respectivas formas com o próprio corpo ou pode contar com a ajuda de alguns colegas, por exemplo, ao educando que sorteou a letra “M”, o educador poderá lhe ajudar ao perguntar: *“Você precisa de alguma ajuda para formar essa letra? Quantos colegas você precisa para formá-la?”*, etc.

Neste momento o professor poderá deixar a turma a vontade para formar a letra ou não com o corpo.

D - Quarto Momento

Ao retornar para a sala de aula, com o educador como escriba, retoma-se com os educandos as palavras citadas no momento da brincadeira ao estimulá-los tentar “adivinhar” como escrevê-las. Porém, ao educador, cabe intervir quando necessário;



Esse momento poderá ser precedido de uma escrita espontânea por parte dos educandos, para que eles possam ter seu próprio registro como apoio e assim poder comparar com a escrita convencional registrada no quadro;

Em nosso protótipo existem dois elementos inovadores para a tradicional brincadeira de Escravos de Jó e de Batata Quente.

- a) Paródia da cantiga Escravos de Jó (Autora Juliana)
- b) Nesta versão de brincar as crianças participam ativamente do início ao fim da brincadeira, as crianças não são eliminadas da brincadeira ao terminar a canção, conforme a brincadeira Batata Quente, elas são convidadas a participar em todos os momentos.

5 CONSIDERAÇÕES

Nesta proposta pedagógica reafirma que as brincadeiras cantadas e a espontaneidade ao realizá-las, podem consolidar a aquisição dos conhecimentos e mediar o momento de passagem da fase pré-silábica para a silábica. Ao levar em conta a bagagem da criança e a ludicidade proporcionada pela brincadeira, o educando consegue assimilar com clareza e naturalidade as letras, os fonemas e os números.

As escolas, são instituições promovedoras de um desenvolvimento sistemático e especializado, possuem potencial para proporcionar momentos ricos e oportunizar experiências novas e criativas para o educando, e uma das maneiras disso acontecer é por meio do brinquedo e/ou das brincadeiras, pois estas contribuem para o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da língua escrita da criança (VYGOTSKY, 1984), tanto quanto o contexto cultural pode ser utilizado como recurso para significar o aprendizado dela (FREIRE, 2005).

Na escola escolhida para a aplicação deste projeto, é possível adaptar as brincadeiras, visto que a professora entrevistada demonstrou interesse em inserir a proposta no contexto escolar das crianças. Além de auxiliar o aprendizado, o projeto resgata o folclore quando utiliza cantigas e brincadeiras de roda.

Como a brincadeira é de suma importância neste desenvolvimento e auxílio da criança, ao atuar de forma simbólica na resolução de problemas ainda não resolvidos, como nos afirma Bettelheim (1988, p. 144,145), o projeto citado possibilita auxiliar e contribuir para um momento prazeroso, divertido e repleto de aprendizado, que seja marcante e tenha significado na formação da criança.



REFERÊNCIAS

- ALVES, Fernando Donizete. **O lúdico e a educação escolarizada da criança**. In M. L. Oliveira (Org.), *Impertinências da educação: O trabalho educativo em pesquisa*. São Paulo: Cultura Acadêmica.2009. p. 45-72.
- BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho: pais bons o bastante**. (M. Sardinha & M. H. Geordane, Trads). Rio de Janeiro: Campus.1988
- BOMTEMPO, Edda. **Brinquedo e Educação: na escola e no lar**. *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.) v.3, n. 1. Campinas, 1999.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9394. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.**Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 18 maio 2020.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura: **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, 3: Conhecimento de Mundo**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e cultura. **Base Nacional Comum Curricular**. Língua Portuguesa no ensino fundamental – Anos Iniciais: Práticas de linguagem, objetos de conhecimentos e habilidades. Brasília, DF. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa-no-ensino-fundamental-anos-iniciais-praticas-de-linguagem-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>. Acesso em: 18 maio 2020.
- COLELLO, Silvia de Mattos Gasparian. Alfabetização: o que, para que e como? In: **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: diálogos teóricos construídos nas ações formativas da UFFS** [S.1: s.n.], 2019.
- COLELLO, Silvia de Mattos Gasparian. **Por que as crianças, do seu ponto de vista, aprendem a ler e escrever?** *Convenit Internacional*, São Paulo, n. 27, 2018.p. 43-54.
- CURI, Edda. **Formação de professores polivalentes: uma análise de conhecimentos para ensinar Matemática e de crenças e atitudes que interferem na constituição desses conhecimentos**. 2004, 278f Tese (Doutorado em educação Matemática) PUC-SP, São Paulo.
- DANYLUK, Ocsana Sonia. **Alfabetização Matemática, as primeiras manifestações da escrita infantil**, 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. 239p.
- DECIETE, Nilce. **Tecendo os sentidos de alfabetização: repercussões do letramento e as relações de ensino em foco**. Campinas, SP: [s.n.], 2013.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FIorentino, Dario.; LOrenzato, Sérgio. **Investigação em educação Matemática: Percursos teóricos e metodológicos.** Coleção Formação de Professores. p. 81-100. Campinas – SP. 2006.

FRIGO, Andrea Beatriz Gonzalez.; COLELLO, Silvia de Mattos Gasparian. **Sobre a língua escrita e o ensino da língua na escola.** Convent Internacional, São Paulo, n. 28, 2018. p. 63-72.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.** São Paulo: Perspectiva, 1980.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ESPACIAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Indicadores Educacionais, 2019.** Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/indicadores-educacionais>. Acesso em: 25 jun. 2020.

KISHIMOTO, Tizuko, Mochida. **Série Ideias.** São Paulo: FDE, n. 7, 1995. p. 39-45. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=019. Acesso em: 18 maio 2020.

KISHIMOTO, Tizuko, Mochida. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo: Cortez, 2017.

LIMA, Bruna Alessandra Silva. **O brincar na educação infantil: o lúdico como estratégia educativa.** 2013. 74 f. Monografia (graduação em pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2013. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4938/1/2013_BrunaAlessandraSilvaLima.pdf. Acesso em: 18 maio 2020.

LORENZATO, Sérgio. **Educação infantil e percepção matemática.** Campinas: 2008.

MIGUEL, José Carlos. **Alfabetização Matemática: implicações pedagógicas.** Disponível em: <http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2005/artigos/capitulo%205/alfabetizacaomatematica.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

OLIVEIRA, Adriana Cristina de; SILVA, Bruna Alves da. **A importância de jogos e brincadeiras na alfabetização de crianças de 6 anos.** Publicação Científica da Faculdade Calafiori, Minas Gerais, 2014. Disponível em: <http://calafiori.edu.br/wp-content/uploads/2019/09/A-IMPORT%C3%82NCIA-DE-JOGOS-E-BRINCADEIRAS-NA-ALFABETIZA%C3%87%C3%83O-DE-CRIAN%C3%87AS-DE-6-ANOS.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

PRESTES, Zoia. **A brincadeira de faz de conta e a infância.** Trama Interdisciplinar. São Paulo, v 7, n. 2, p. 28-39, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/9807/6068>. Acesso em: 18 maio 2020.

SILVA, Valdinéia Nogueira da. **A contribuição do brincar como recurso pedagógico na sala de alfabetização da escola Milton da Costa Ferreira.** Revista Científica Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas da Eduvale. Publicação científica da Faculdade de Ciências

Sociais aplicadas do Vale de São Lourenço-Jaciara/MT, Ano IV, Número 06, novembro de 2011. Disponível em:
http://eduvalesl.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/cqVv82oXwsuk4TQ_2015-12-18-22-44-52.pdf. Acesso em: 20 maio 2020.

SPODEK, Bernard; SARACHO, Olivia N. **Ensinando crianças de três a oito anos**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Formação social da mente**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987.





CRÉDITOS

Ilustração Capa: Letícia Barretto Alegretti

Imagens: Site Pixabay – <https://pixabay.com/pt/illustrations/search/crian%C3%A7as/>
Site Adobe Stock – <https://stock.adobe.com/de/images/kinder-hangen-als-rahmen-in-einer-linie/274901092>

Crianças Aplicação Protótipo: Camily Rudge de Camargo Ribeiro
Heloisa de Oliveira Magalhães Ferreira
Nathan Ribeiro Ferreira

